



1.11 • Conjuntura internacional

As incertezas do Mercado Comum do Sul

Nancy Gomes

O APARECIMENTO DO MERCOSUL, na década de 1990, gerou elevadas expectativas no continente americano e no mundo pelo dinamismo económico e comercial de um grupo de quatro países do Sul, desafiando a proposta mais ampla do Norte, de criação de uma área de livre comércio do Canadá à Patagónia. Contudo, tornou-se evidente, nos últimos anos, a fragmentação interna de um bloco onde os nacionalismos, as desconfianças mútuas, e as divergências que daí resultam, políticas e económicas, impedem francamente a execução plena de qualquer projecto de integração.

O aparecimento do Mercosul

Na América Latina, depois do retrocesso da “década perdida” dos anos de 1980, reanimou-se o crescimento económico e deu-se um novo impulso à integração regional e sub-regional, sob o signo da liberalização comercial e abertura aos investimentos estrangeiros. O ressurgimento dos agrupamentos de integração, criados nos anos de 1960 e 1970, dá-se em condições internacionais caracterizadas pelas transições negociadas dos conflitos político-militares e pela restauração da democracia na maioria dos países. Seguem-se múltiplas vias de acção, incluindo mecanismos formais e informais, processos multilaterais e bilaterais, esquemas regionais e sub-regionais, acções comuns e unilaterais.

A Sul, um novo e vigoroso Mercado Comum é criado pela Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, através do Tratado de Assunção, de 1991, significando do ponto de vista político e comercial, efectivamente, um passo em frente para a superação da histórica rivalidade entre os dois gigantes, o Brasil e a Argentina.

O objectivo de constituir um Mercado Comum, na data proposta em Assunção (para 31 de Dezembro de 1994)¹, não foi alcançado. Hoje o Mercosul está mais próximo de ser uma união aduaneira imperfeita ou uma zona de comércio mais ou menos livre².

Se consideramos o dinamismo dos fluxos comerciais entre os países membros, o Mercosul tem tido um relativo sucesso. De 1991 a 1997, o comércio intrabloco quadruplicou, passando de 5 mil milhões de dólares para 20 mil milhões. Em 2011, o comércio intrabloco já era superior a 50 mil milhões de dólares.

Visando o seu alargamento e-ou aprofundamento, foram assinados acordos de associação entre o Mercosul e os Estados membros da Comunidade Andina (Colômbia, Peru, Equador e Bolívia) e Chile. A Venezuela ingressou como membro pleno, em Julho de 2012.

Apesar de alguns dos aspectos positivos mencionados, o Mercosul enfrenta hoje sérios problemas e importantes desafios. A tarifa comum não se aplica para muitos dos produtos-chave, e verdadeiras guerras comerciais são travadas entre as partes, nomeadamente entre o Brasil e a Argentina, por causa das respectivas políticas proteccionistas (nos sectores como o calçado, têxteis, papel e celulose, peças de automóveis, alimentos, etc.). Por outro lado, a demora na assinatura do Acordo de Livre Comércio com a UE, poderá – de se avançar na criação do TAFTA (Trans Atlantic Free Trade Agreement) – colocar o bloco regional ainda mais longe, na periferia das rotas comerciais do mundo.

O futuro do Mercosul passará certamente pelo sucesso ou não que alcance o projecto de integração ao nível político (através da UNASUL), económico (através das infraestruturas que para o efeito forem criadas), e comercial (através do aperfeiçoamento da união aduaneira, ou seja da eliminação progressiva dos entraves e-ou impedimentos ao comércio livre entre os países membros).

O ingresso da Venezuela ao Mercosul

A Venezuela assinou o Protocolo de Adesão ao Mercado Comum do Sul em 2006 tendo, contudo, o processo ficado estagnado por falta de consenso entre as partes. O Senado paraguaio opunha-se à entrada da Venezuela no bloco, alegando que a República Bolivariana não cumpria as regras mais elementares da democracia.

Em Junho de 2012 ocorreu o *impeachment* do ex-presidente paraguaio Fernando Lugo, num processo considerado “ilegítimo” pelos outros países do grupo. Invocando a cláusula democrática, o Paraguai foi suspenso do Mercosul.

Com o Paraguai provisoriamente fora do bloco³, o Brasil, a Argentina e o Uruguai aprovaram unanimemente o ingresso venezuelano. Tratava-se da primeira ampliação do Mercosul, desde a sua criação.

A relação com o Brasil e os países do Mercosul tem sido vista pelo governo venezuelano como peça-chave para coordenar posições políticas fora dos tradicionais esquemas de integração regional. Para o resto dos países membros, a entrada da Venezuela no Mercosul significa uma oportunidade para aprofundar o processo de integração sul-americano, mas ao mesmo tempo um grande desafio, porquanto será preciso adaptar os interesses venezuelanos a um mecanismo de concertação e harmonização de políticas.

“O futuro do Mercosul passará certamente pelo sucesso ou não que alcance o projecto de integração ao nível político (através da UNASUL), económico [...] e comercial.”

Com efeito, a Venezuela representa um forte polo de atracção para as exportações dos seus parceiros do Mercosul. A balança comercial até hoje deficitária para o lado venezuelano poderá eventualmente obrigar os venezuelanos a um ajustamento das suas políticas macroeconómicas.

A UNIÃO DE NAÇÕES SUL-AMERICANA

A ideia de criar uma Comunidade Sul-americana de Nações surgiu entre os presidentes dos doze países da sub-região, reunidos no Cuzco, Peru, em 8 de Dezembro de 2004, e tem nas Declarações de Cuzco e Ayacucho os seus documentos fundacionais. Na reunião de Brasília, de 30 de Setembro de 2005, uma Declaração Presidencial definiu a Agenda Prioritária e o Programa de Acção da Comunidade; ao mesmo tempo aprovou as Declarações sobre a Convergência dos Processos de Integração de América do Sul e sobre a Integração na Área da Infraestrutura, entre outras. O tratado constitutivo da União de Nações Sul-Americanas (UNASUL) foi assinado mais tarde, em Brasília, em 23 de Maio de 2008. Entre as instituições criadas, encontramos o Banco do Sul, o Parlamento Sul-americano, o Conselho de Defesa Sul-americano, o Conselho Energético Sul-americano, e o Secretariado-geral.

Engendrada sobretudo pelo Itamaraty, a criação da UNASUL reflecte o interesse do Brasil em estimular o desenvolvimento económico e a estabilidade no entorno sul-americano. Como retorno, o ambiente pacífico na sua área de influência directa permitiria ao governo brasileiro consolidar-se como um importante actor no cenário regional e mundial.

| | 2011 | Janeiro a Setembro de 2012 | Janeiro a Setembro de 2012 (incluindo a Venezuela) |
|---------------------------------------|-------|----------------------------|---|
| Industrializados | 26,68 | 15,77 | 18,49 |
| Participação no total do MERCOSUL (%) | 95,80 | 92,76 | 89,10 |
| Mercosul | 27,85 | 17 | 20,75 |

Exportações brasileiras (em mil milhões de dólares americanos).

Fonte: MERCOSUL: <http://www.mercosul.gov.br/exportacoes-brasileiras/view?searchterm=export/>.

O EIXO BRASIL-VENEZUELA

A Venezuela, um país amazônico, andino e caribenho ao mesmo tempo, e um importante exportador de petróleo, é naturalmente um parceiro estratégico para o Brasil e para a sua política regional.

O processo de aproximação político-diplomática entre a Venezuela e o Brasil teve início em finais dos anos de 1970. Contudo, a relação entre os dois países passará da retórica das boas intenções ao pragmatismo necessário só a partir de 1994, quando, durante o Encontro de La Guszmania, os presidentes Itamar Franco e Rafael Caldera assinaram importantes acordos e compromissos bilaterais. Vale a pena lembrar que no mesmo ano, o presidente Caldera anunciou o apoio à candidatura do Brasil para obter uma cadeira permanente no Conselho de Segurança.

Apoiado pelo governo brasileiro na época do mal sucedido golpe de 2002, e na greve geral dos trabalhadores da indústria petrolífera, o presidente Hugo Chávez Frias mostrou-se 'agradecido'. A partir de 2002, o governo bolivariano alterou definitivamente o rumo da política exterior venezuelana, dando prioridade às relações com o Brasil, distanciando-se de parceiros tradicionais como a Colômbia.

Entre 2003 e 2007, o Brasil passou de 26.º ao 8.º lugar como parceiro comercial da Venezuela. Em 2012, o Brasil ocupava já o 4.º lugar (8,2% do total) na lista dos principais fornecedores, e o 7.º lugar como destino das exportações venezuelanas (1,2% do total).⁶

cas, de regulação do regime de câmbios, das políticas laborais e do regime de protecção dos investimentos.

O Mercosul e a União Europeia

A União Europeia é hoje o primeiro parceiro comercial do Mercosul, representando 20% do total do seu comércio externo. Por sua vez, o Mercosul é o oitavo parceiro comercial mais importante da UE, representando 3% do comércio total da União. As exportações da UE para a região têm vindo a aumentar nos últimos anos, passando de 28 mil milhões em 2007, para 45 mil milhões em 2011⁴.

A complementaridade das economias é evidente. Não obstante, as negociações entre a UE e o Mercosul, no sentido da liberalização do comércio interregional têm sucumbido em várias ocasiões. Após uma longa pausa, estas foram retomadas em 2010, e continuam em andamento, ao mesmo tempo que permanecem as divergências no que diz respeito ao acesso dos produtos agrícolas do Mercosul, ao mercado europeu, e dos produtos manufacturados e de serviços da UE, ao mercado do bloco do Sul. Podemos ainda adicionar que o contexto político no Mercosul tornou-se mais complexo com a entrada da Venezuela, um país cujas políticas mais radicais



Mercosul. Fonte: OBSERVARE.

parecem difíceis de conciliar com um ambicioso acordo entre os dois blocos.

Quanto ao futuro da relação entre a UE e o Mercosul, parece-nos evidente que, não estando previstas alterações significativas na política agrícola comum europeia ou PAC, e estando ao mesmo tempo Doha num impasse, o caminho do bilateralismo, ou seja, da negociação do bloco europeu com os países do Mercosul, de forma individual, dentro de um quadro comum, será a alternativa possível ou a mais viável, tendo em vista uma zona de livre comércio⁵. ■

Notas

¹ Mercosul, "Tratado para a Constituição de um Mercado Comum entre a República Argentina, a República Federativa do Brasil, a República do Paraguai e a República Oriental do Uruguai: Artigo 1".

² Elizabeth Acioly, convidada a participar na mesa redonda "A América Latina frente ao espelho da sua integração", organizada pelo OBSERVARE, as Embaixadas do Uruguai e do México, FEDERASUR e IPDAL, em 27 de Maio de 2011.

³ O Paraguai reingressou ao bloco em Agosto de 2013. Em 18 de Dezembro do mesmo ano, a Câmara dos Deputados do Paraguai aprovou, de forma definitiva, o protocolo de adesão da Venezuela ao Mercosul, retirando também uma declaração de "persona non grata" que mantinha desde 2012 contra o actual presidente venezuelano, Nicolás Maduro.

⁴ Cf. Comissão Europeia: Comércio: Países e regiões: Mercosul.

⁵ Cf. EMERSON, Michael e Renato Flores (Ed.) (2013), *Enhancing The Brazil-EU Strategic Partnership. From the bilateral and regional to the global*, p. 34.

⁶ Ministério das Relações Exteriores, "Dados básicos e principais indicadores económico-comerciais da Venezuela". Agosto de 2013, disponível em <http://bit.ly/1bt9asm/>.

Referências

COMISSÃO EUROPEIA: Comércio: Países e regiões: Mercosul [Em linha] [Consultado em 27/11/2013]. Disponível em <http://bit.ly/198nBGJ>

EMERSON, Michael and Renato Flores (Edit.) (2013) — *Enhancing The Brazil-EU Strategic Partnership. From the bilateral and regional to the global* [Em linha]. CEPS/Centre for European Policy Studies. Brussels, October 2013. ISBN 978-94-6138-346-4.

Mercosul, "Tratado para a Constituição de um Mercado Comum entre a República Argentina, a República Federativa do Brasil, a República do Paraguai e a República Oriental do Uruguai: Artigo 1". [Em linha] [Consultado em 25/01/2014]. Disponível em <http://bit.ly/1nbu848>